

The Onlife Manifesto: **Being Human in a Hyperconnected Era**

Luciano Floridi (org)

**DG Connect, a Direção-Geral da Comissão Europeia para
redes de comunicações, conteúdo e tecnologia**

Parte II

Comentários

The Onlife Manifesto – Parte II

- **Comentários de Charles Ess;**
- **Comentários de Luciano Floridi;**
- **Comentários de Jean-Gabriel Ganascia**
- **Comentários de Charles Yiannis Laouris;**
- **Comentários de Charles Ugo Pagallo;**
- **Comentários de Judith Simon;**
- **Comentários de May Thorseth**

“Comentários de Charles Ess”

- **A Internet é uma extensão importante do espaço público, mesmo quando operada e de propriedade de atores privados.**
- **O texto que destaquei aponta para uma área cada vez mais urgente de análise e debate – novas oportunidades e riscos para os processos democráticos, normas e direitos, começando pela liberdade de expressão, tal como assumida nas nossas esferas públicas Onlife, onde estas esferas públicas são cada vez mais controladas pelas corporações.**
- **Estes riscos incluem a “censura corporativa” – ou seja, limitações à expressão online impostas, pela Apple, Facebook, Google e outros grandes proprietários daquilo que são cada vez mais os nossos espaços públicos predefinidos.**

“Comentários de Charles Ess”

- **As noções de públicos fragmentados, de terceiros espaços e de bens comuns, e o maior foco no uso em detrimento da propriedade desafia a nossa compreensão atual da distinção entre público e privado.**
- **As novas oportunidades e riscos para os processos democráticos, normas e direitos, começando com a liberdade de expressão nas esferas públicas, onde elas são cada vez mais controladas pelas corporações. Esses riscos incluem “censura corporativa” (Éticas e Estéticas) Limitações nas expressões online imposta, por exemplo, pelo Facebook, Google e outros grandes proprietários.**
- **Esta censura é ao mesmo tempo estética – por exemplo, no Facebook e da Apple sobre os seios das mulheres (percebidas como puritanismo centrado em grande parte do resto do mundo) e censuras políticas.**

“Comentários de Charles Ess”

- **Sobre a sociedade digitalmente alfabetizada é endossar a responsabilidade numa realidade hiperconectada requer reconhecer como as nossas ações, percepções, intenções, moralidade e até corporalidade estão interligadas com as tecnologias em geral e com as TIC em particular.**
- **Devemos ter cuidado para não sermos enganados pelo termo “digital” na frase “sociedade digitalmente alfabetizada”. Em vez disso, tal como a fenomenologia e a neurociência se articulam, continuamos a ser criaturas incorporadas e, portanto, analógicas, de formas que são significativamente distintas do “digital”.**
- **Em particular, nossa atenção deve estar voltada para os letramentos digitais. Seja equilibrada pela atenção contínua às competências e habilidades de cada um que estão filiados à alfabetização da impressa, começando pela escrita como uma “tecnologia do eu”.**

▪ “Comentário de Luciano Floridi”

- **As transformações aqui mencionadas podem ser entendidas como uma quarta revolução em nossa antropologia filosófica. Depois de Copérnico, Darwin e Freud (neurociência), as TDICs (Turing) estão lançando novas luzes em nossa autocompreensão.**
- **Pode ser preferível falar de uma era informacional em vez de uma era computacional, porque é o ciclo de vida cada vez mais difundido e cada vez mais importante da informação.**
- **As tecnologias são usadas primeiro para economizar tempo e depois para matá-lo. Assim, uma das questões políticas prementes que enfrentamos nas sociedades da informação avançadas é: em que tipo de projeto humano estamos trabalhando?**

▪ “Comentário de Luciano Floridi”

- **A distinção entre público e privado provavelmente precisará ser redefinida.**
- **Repensar e desenvolver novas formas de educação estão entre os desafios do nosso tempo. Existem grandes oportunidades, mas também sério risco de perdê-los.**
- **Devemos repensar quais técnicas serão mais viáveis para gerenciar os processos de aprendizagem, quando na verdade o problema fundamental não é como, mas o quê: que tipo de o conhecimento será necessário e esperado.**

“Comentário de Luciano Floridi”

- **Somos como marinheiros que têm de reconstruir o seu navio em mar aberto, nunca conseguindo desmontá-lo em doca seca e ali reconstruí-lo com os melhores materiais. Somente os elementos metafísicos podem desaparecer sem deixar vestígios.**
- **O que é, em última análise, finito, precioso, não renovável e não podemos compartilhar é, na verdade, o tempo. Ao falar de recursos de atenção finitos, devemos também preocupar-nos com o tempo de atenção dedicado a alguma coisa, porque este não é ilimitado nem substituível.**

“Comentário de Jean-Gabriel Ganascia”

- **Uma atenção cuidadosa a alguns aspectos da sociedade atual mostra que a maioria dos impactos concretos da era computacional no espaço público foram inesperados.**
- **Isto não significa apenas que os computadores e as redes proliferaram mais rapidamente do que se imaginava, mas também que o tipo de consequências sociais destes desenvolvimentos (redes sociais, microblogs, wikis, negociações de alta frequência, etc.) estiveram muito longe das concepções que muitas pessoas alertavam antes.**
- **Estamos entrando em uma época que alguns filósofos dos anos oitenta e noventa, (Lyotard e Baudrillard), qualificaram como “pós-modernidade”.**

▪ “Comentário de Jean-Gabriel Ganascia”

- **Como consequência, os decisores políticos precisam não só de estar abertos aos futuros desenvolvimentos das tecnologias e aos seus efeitos sociais, mas também de se prepararem para serem surpreendidos pelo futuro.**
- **Neste sentido, o fim da modernidade que afirmamos neste manifesto corresponde simultaneamente ao fim de um período da história, que esteve centrado na Europa Ocidental e nas Américas, e ao fim de um tipo de filosofia e de uma sociedade social e econômica que se caracterizava pela ilusão de que o próprio conhecimento poderia levar a um controle perfeito e total da natureza.**

▪ “Comentário de Jean-Gabriel Ganascia”

- **É digno de nota que a dúvida cartesiana e as suspeitas relacionadas ao que é percebido através dos sentidos humanos levaram a uma confiança cada vez maior no controle em todas as suas formas.**
- **A dúvida, tal como introduzida por Descartes, e todas as suspeitas sobre o que se percebe, contribuíram para construir e pensar o “eu consciente”.**
- **O controle é uma consequência da racionalização dos processos de produção na modernidade. Para abordar este ponto, precisamos distinguir a razão daquilo que Horkheimer chama, de “razão instrumental”, que se caracteriza como “meio para um fim” que leva a razão ao colapso na irracionalidade.**

“Comentário de Mireille Hildebrandt”

O que significa ser humano na era computacional?

- **O Manifesto afirma que preferimos pares duais a dicotomias de oposição, explicando isto em termos dos pares duplos de controle e complexidade, por exemplo: público e privado.**
- **Uma dicotomia foi definida como "um conjunto de duas alternativas conjuntas exaustivas ", um par duplo foi definido como " um par de vetores do espaço com um formulário bilinear associado.**
- **O problema com a dicotomia é que requer definições, que pressupõe a divisão da realidade em discreta e em pedaços separados. Embora as técnicas computacionais possam exigir digitalização, a redução do fluxo analógico de vida gera desvantagens. Hayles (1999) descreveu as falhas e os custos do ciberespaço e como nos tornamos pós-humanos, com foco na tentativa de desencarnar e desmaterializar informações.**

“Comentário de Mireille Hildebrandt”

- **É importante, então, notar que a era computacional está enraizada em tipos extremos de pensamento dicotômico: o de construir máquinas discretas bits legíveis. Ser humano, aqui, significa lembrar que a vida é contínua e plural e experiente.**
- **O outro problema com uma dicotomia é que ela assume alternativas conjuntas e exaustivas, o que implica que os pares que formam a dicotomia cobrem tudo o que há para ser dito sobre o que eles pretendem descrever.**
- **Para evitar o tipo de confusão que assola nosso sistema financeiro, devemos, manter a mente aberta, supondo que os sistemas de decisão computacionais que alimentam essa infraestrutura crítica são tão tendenciosas e falíveis quanto qualquer sistema inteligente deve ser. Ser humano, aqui, significa admitir tal falibilidade como núcleo para a fragilidade maravilhosa da vida.**

“Comentário de Mireille Hildebrandt”

- **A ideia cartesiana de um *res separado extenso* e um *res cogitans* separado que juntos descrevem a realidade, deu origem a uma série de problemas inter-relacionados que ainda assombram muito do nosso entendimento.**
- **Um exemplo interessante da dicotomia que confunde em vez de esclarecer o que significa ser humano na era computacional, é o dualismo que permeia**
- **Embora não podemos negar que esta tentativa produziu resultados sem precedentes, devemos também reconhecer que, em algum momento, a informação processada deve ser reintegrada.**
- **Tem sentido pensar em pares ou em outros tipos de distinções depende do contexto e do objetivo do nosso pensamento. Porém, não dá para manter as coisas simples. Proponho o título: Além das dualidades, enfim a pluralidade.**

▪ “Comentário de Yiannis Laouris”

- **Ao... abrirem as novas possibilidades para a democracia direta, as TIC desestabilizam e exigem que se repensem as visões do mundo e as metáforas subjacentes às estruturas políticas modernas.**
- **A abundância de informações também pode resultar em sobrecarga cognitiva e distração.**
- **Devemos garantir que o indivíduo terá acesso a todas as informações relevantes, alternativas, argumentos e futuros previstos que possam surgir de acordo com a escolhas que ele faz.**

"Comentário de Yiannis Laouris"

- **Eu elaborei a necessidade de reprojeter o conceito de vida e como a imortalidade emergente de artefatos e informações exerce pressão sobre alcançar a imortalidade da mente e/ou do humano.**
- **O conceito de "ser humano" é o de "estar vivo". Optei pela atenção aos riscos criados pela viabilidade da democracia direta (modelos de participação democrática em que todos os membros têm igualdade de acesso, voto e voz em todas as questões).**
- **Elaborei os requisitos das tecnologias necessárias para reinventar a democracia na era digital, especialmente à luz da imortalidade virtual e abundância de informações, que inevitavelmente resultam em sobrecarga cognitiva.**

“Comentário de Ugo Pagallo”

- **Para ir direto ao assunto, deixe-me insistir em dois dos meus problemas:**
- **Tudo sobre a nossa compreensão do passado e, portanto, a própria noção da “modernidade”.**
- **Além das habituais ferramentas legais e rígidas de governabilidade, como as leis nacionais e regras, tratados internacionais ou códigos de conduta, estou convencido que devemos dar atenção aos atores de governança.**
- **Multiagentes complexos que interagem “onlife” dependendo dos aspectos técnicos e dos mecanismos de design.**

"Comentário de Judith Simon"

- **Historicamente, as igrejas e, mais tarde, os estados foram os principais agentes informacionais que coletavam dados sobre seus membros e cidadãos desde a data de nascimento até as mortes.**
- **Naturalmente, esta coleta de informações nunca parou nas fronteiras nacionais, uma vez que o conhecimento sobre os inimigos foi tão essencial quanto um meio de permanecer no controle.**
- **O Manifesto observa que novos agentes informacionais, novos jogadores poderosos surgiram nos eixos de conhecimento/poder: grandes empresas de internet, tanto quanto os mais ocultos, controlam o backbone do tráfego da internet.**

"Comentário de Judith Simon"

- **O Manifesto sugere que entramos em um mundo em que as nações parecem ter perdido muito do seu poder. Na superfície essa observação parece quase sem sentido: não só exigem muitos desafios que enfrentar o esforço multinacional - Protocolo de Kyoto como uma tentativa de combater o clima mudança. Também temos várias autoridades transnacionais que impõem restrições à soberania dos estados-nação.**
- **Naturalmente, esta coleta de informações nunca parou nas fronteiras nacionais, uma vez que o conhecimento sobre os inimigos foi tão essencial quanto um meio de permanecer no controle.**
- **O Manifesto observa que novos agentes informacionais, novos jogadores poderosos surgiram nos eixos de conhecimento/poder: grandes empresas de internet, tanto quanto os mais ocultos, controlam o backbone do tráfego da internet.**

“Comentário de Judith Simon”

- **Em nosso mundo hiperconectado, as alianças entre os poderosos dependem criticamente da conformidade das massas. No entanto, nunca foi tão fácil parar de jogar junto, mudar o jogo através da ação coletiva distribuída. Neste princípio, temos acesso a uma ampla variedade de produtos e serviços e podemos e devemos ser mais cuidadoso em nossas escolhas.**
- **Precisamos entender o relacionamento entre comprar e ser vendido e agir de acordo. Como consumidores, precisamos reconhecer que uma vez que deixamos de estar dispostos a pagar por produtos e serviços, estamos pagando simplesmente com uma moeda diferente - nossos dados.**

“Comentário de May Thorseth”

- **Em contextos políticos, o problema da abundância de informações também precisa ser resolvido: a tentação de coletar informações, em vez de discutir ou interagir com opositores políticos é uma ameaça para o público.**
- **Outra questão importante no Manifesto é sobre a distribuição ou (falta de) compartilhamento responsável. Como nenhum órgão governamental ou não governamental e outras organizações são capazes de manter o controle, e os fluxos de informação são menos transparentes do que antes, isso parece ter um impacto negativo sobre a responsabilidade: nenhuma instituição ou indivíduo pode ser responsabilizados.**

“Comentário de May Thorseth”

- **O que costumava ser considerado íntimo entre os jovens, como por exemplo, as relações sexuais são vistas muito menos privadas em comparação com as ocupações dos pais, ou afiliações políticas de hoje.**
- **Ao invés de falar de privado versus público há necessidade de enfatizar a importância do contexto: o que for contestado em o espaço público não é mais puramente privado.**
- **Privado e público não são mais contrapartes, mas complementares categorias sendo desafiadas pelas tecnologias de informação e comunicação.**

“Comentário de May Thorseth”

- **O que costumava ser considerado íntimo entre os jovens, como por exemplo, as relações sexuais são vistas muito menos privadas em comparação com as ocupações dos pais, ou afiliações políticas de hoje.**
- **Ao invés de falar de privado versus público há necessidade de enfatizar a importância do contexto: o que for contestado em o espaço público não é mais puramente privado.**
- **Privado e público não são mais contrapartes, mas complementares categorias sendo desafiadas pelas tecnologias de informação e comunicação.**